

Bolsa de São Paulo fecha em alta de 2,54%

Ibovespa chegou a registrar alta de 5,15%, mas caiu com notícias de falência de corretora japonesa

Lucinda Pinto e Ívson Queiroz

• SÃO PAULO. A notícia de que a terceira maior corretora de valores do Japão, a Yamaichi Securities, será liquidada pela autoridade monetária local por pouco não trouxe uma nova onda de nervosismo ao mercado acionário brasileiro. O Ibovespa, que chegou a registrar alta de 5,15% na tarde de ontem e um volume financeiro promissor, retrocedeu depois da divulgação da informação de que a corretora tem um passivo superior a US\$ 24 bilhões e que, portanto, deverá fechar as portas na próxima semana.

Mas, apesar das dúvidas sobre o tamanho do impacto que um problema no mercado japonês, um dos mais importantes do mundo, poderia provocar na comunidade financeira internacional, o Ibovespa fechou em alta de 2,54%. O volume financeiro encerrou o dia em R\$ 997 milhões, um dos maiores desde o início da crise nas bolsas de valores mundiais, em meados de outubro. No Rio, a bolsa fechou em alta de 1,79%, com movimentação de R\$ 18,589 milhões.

As principais bolsas de valores do mundo operaram em alta até perto das 16 horas, animadas com a notícia de que o Fundo Monetário Internacional socorrerá a Coreia do Sul. Mas a tranquilidade acabou depois das notícias sobre a insolvência da Yamaichi, a maior já vista no Japão. A preocupação é que ela pudesse detonar o chamado efeito dominó, contaminando outras instituições japonesas. Afinal, há tempos os analistas internacionais temem pela saúde do sistema financeiro japonês. Os bancos do Japão acumulam créditos de difícil recuperação e volume elevado de investimentos em países do Sudeste da Ásia, onde há problemas econômicos desde julho deste ano.

Depois do susto, expectativa de muita volatilidade pela frente

Mas, aparentemente, a reação dos investidores internacionais não foi pessimista. Ontem, o Dow Jones encerrou o dia em alta de 0,69%. Em consequência dessa valorização, a Bolsa do México subiu 3,27% e a de Buenos Aires 3,11%. As duas têm seus negócios encerrados depois da bolsa de

Nova York. Entretanto, está mantida a expectativa de muita volatilidade para a próxima semana. O Ibovespa, portanto, deve continuar seguindo as variações do Dow Jones. A expectativa, no entanto, é que somente nos próximos dias o mercado poderá avaliar com mais precisão quais as consequências práticas da falência da corretora japonesa.

O Ibovespa continuou com alta acumulada na semana, de 7,91%. No mês, a valorização é de 4,85% e, no ano, de 33,84%. As ações de Telebrás tiveram alta inferior à do índice ontem. Subiram 1,78% e fecharam cotadas a R\$ 114 o lote de mil. Apesar dos resultados melhores nos últimos dias, os investidores continuam optando por manter seus recursos em papéis de maior liquidez, por conta do nervosismo no mercado internacional. Ontem, as ações da Telebrás foram responsáveis por 63,5% dos negócios na bolsa. A maior alta do dia na Bovespa foi Encorpar PN (41,6%); a maior baixa foi Polipropileno PN (-29,3%).

Apesar da agitação no mercado externo, o mercado de câmbio continuou tranquilo ontem. Hou-

ve poucos negócios e a moeda americana não registrou fortes oscilações no mercado à vista, afastando assim a necessidade de intervenção do BC. O dólar comercial encerrou o dia cotado a R\$ 1,1090 (compra) e R\$ 1,1095 (venda), o que significa queda de 0,03% em relação ao dia anterior. O flutuante encerrou os negócios na marca de R\$ 1,1065. Já os doleiros compraram dólar ontem a R\$ 1,160 e venderam a R\$ 1,150.

Aumenta o prejuízo de quem apostou pesado na alta do dólar

No mercado de futuros, as projeções para o dólar continuaram em queda. Para janeiro, os contratos apontaram uma redução de 0,28% em relação a quinta-feira. Para fevereiro, a queda é de 0,45%. Essa redução indica que o mercado está menos inseguro em relação à possibilidade de uma eventual desvalorização do real. Mas significa também que, a cada dia, aumenta o prejuízo dos que estão comprados no mercado de dólar futuro, quem apostou na alta da moeda americana.

As taxas de juros no mercado de futuros também continuaram

cedendo ontem. Os contratos para dezembro projetavam no fim do dia uma taxa de 2,93%, contra 2,95% do dia anterior. Para janeiro, a queda foi de 2,84% (quinta-feira) para 2,72% no fechamento de ontem. Os juros futuros foram responsáveis por um movimento de R\$ 8,8 bilhões na BM&F, o que indica um pequeno aumento do volume de contratos.

Com a calma no pregão de ontem, a BM&F suspendeu o aumento de margens de garantia nos negócios de dólar futuro previsto para o 3 de dezembro e reviu o cálculo das margens para os contratos de swap.

No curto prazo, a taxa do *overnight* em títulos públicos fechou cotada com média de 4,51% ao mês. O CDI *over* fechou o dia a 4,45% ao mês, em média, e o CDB prefixado a 38,50% ao ano. Já no mercado de longo prazo, o swap de um ano, usado como base para definição das taxas de juro do varejo, foi negociado entre 37% e 38% ao ano, estável em relação ao dia anterior. O Cupom cambial, por sua vez, ficou com sua taxa entre 13,5% e 14,5% em 12 meses, além da variação cambial. ■